

REVISÃO DE LITERATURA SOBRE BANCOS DIGITAIS E FINTECHS A PARTIR DA BASE DE DADOS SCIELO, COMO SUBSÍDIO PARA DISCUSSÃO DA VIRTUALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS BANCÁRIOS NA NOVA ECONOMIA

AMÓS JUVÉNCIO PEREIRA DE MOURA¹; GUILHERME AUGUSTO CABBREIRA²; GIOVANA MENDES DE OLIVEIRA³

¹ Universidade Federal de Pelotas – ajpereirademoura@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – cabreiraguai@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – geoliveira.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O advento tecnológico, sobretudo, das Tecnologias da Informação (TIs), contribuiu para as mudanças econômicas, culturais e políticas na sociedade (LÉVY, 1999; CASTELLS, 2005). Esse avanço torna possível a dinamização dos fluxos informacionais no espaço (SANTOS, 2006), encurtando distâncias espaciais. A possibilidade de um número maior de pessoas se inserirem no que Castells (2005; et al 2006) chama de ‘sociedade em rede’, o que Lévy (1999) chama de “cibercultura” ou o que autores como o Ascher (2010) chamam de “sociedade do hipertexto”, ou seja, a sociedade fazer do uso das TIs para se comunicar entre si pela web, se deve ao surgimento de inúmeros objetos técnicos (SANTOS, 2006) que facilitam esse acesso, como computadores e smartphones. Santos (2006) nos fala que os objetos técnicos “se apoderam do nosso cotidiano, com eles nossa interação é prática” (p. 141).

Dentre as alterações que ocorreram na sociedade, está a forma de se consumir serviços e produtos. Se tornou possível obter informações sobre produtos e serviços que se pretende consumir a partir da experiência de outros consumidores, como os já populares reviews dos mais variados produtos. Comprar a partir da internet se torna cada vez mais comum, segundo reportagem da revista Exame¹ as compras online cresceram 12,1% entre 2017 e 2018.

O surgimento dos *smartphones* também influenciou a forma do consumo de produtos e serviços. Diversas *startups* surgiram oferecendo serviços por aplicativos de celular. São exemplos disso as que oferecem transporte em carro particular, como a *Uber*, 99 e *Cabify* e as empresas de delivery, como a *Ifood*, *Rappi*, *Glovo* e *Uber Eats*. Essas empresas se inserem no fenômeno que Castells (2005) chamou de “nova economia”, uma economia ligada aos setores de tecnologia e inovação, onde o conhecimento é primordial. Outro tipo de empresa que oferece seus serviços de forma virtual e vem tomando notoriedade são os assim chamados “bancos digitais”. São instituições financeiras que oferecem a maior parte de seus serviços, desde a abertura de contas bancárias, apenas por aplicativos e *sites*. A exceção vem a ser os saques que necessitam a utilização de alguma rede de autoatendimento (caixas eletrônicos) conveniada.

O presente trabalho tem por objetivo trazer uma revisão literária sobre os bancos digitais e *fintechs*, buscando saber o que de relevante tem se produzido sobre estes atores. Esse trabalho é primeiro passo para o entendimento destes novos atores e seus impactos na construção do espaço.

2. METODOLOGIA

¹ <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/negocios-online-continuam-a-crescer-no-brasil/>
acessado em 19 de julho de 2020.

Para a realização da presente revisão se buscou artigos nas bases de dados CLACSO (Conselho Latino-americano de Ciências Sociais), CAPES² (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e SciELO (*Scientific Electronic Library Online*). Das três bases, a SciELO foi a que apresentou resultados de melhor qualidade, pois se tratavam de resultados relacionados aos termos pesquisados. A CLACSO não apresentava resultados relacionados ao tema. Já a base da CAPES tinha muito material não relacionado sortido a poucos relacionados, em grande quantidade e filtros pouco lógicos. Sendo assim neste trabalho se utilizará apenas o coletado através da SciELO.

Os termos escolhidos por dizerem respeito especificamente ao objeto em análise, os bancos digitais. Podemos definir bancos digitais a partir dos esforços de autores que vêm estudando o tema da digitalização das finanças e fluxos financeiros, com destaque para Lipton et. all (2016) e Carbellido (2018), como a evolução da tecnologia no setor bancário, permitindo novas formas de acesso remoto ao usuário a partir da internet. Por *fintechs* podemos utilizar novamente Carbellido (2018) e também Coetzee (2018) como o casamento entre as finanças e a tecnologia, sendo empresas que atuam no mercado de crédito, finanças e soluções de pagamento. Por serem conceitos semelhantes, que muitas vezes a mesma instituição é denominada das duas formas, se buscou utilizar os dois conceitos. Dessa forma, os termos pesquisados foram: “bancos digitais”, “*digital banking*” e “*fintechs*”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As buscas do termo “bancos digitais” trouxe poucos resultados relacionados ao tema nas três plataformas, possível sinal do ineditismo de produções a respeito do tema no Brasil e em demais países de língua portuguesa. De qualquer forma, dos artigos buscados a partir da Scielo com o termo, apenas 1 era aproveitável (CERNEV e DINIZ, 2020), ao abordarem o surgimento, gestão de um banco comunitário emissor de uma moeda social própria, com a posterior criação de um aplicativo móvel para uso dos “clientes” desse banco. Ele trata do Banco Palmas e como o banco transformou sua moeda social em E-dinheiro através do aplicativo. Após contar a trajetória da fundação do banco, na comunidade de Conjunto Palmeira, periferia de Fortaleza-CE, conta como surgiu a idéia de transformar a já existente moeda social em mobile payments. No aplicativo era possível transferências e pagamentos. Segundo os autores, o objetivo do artigo era demonstrar o processo de inovação de uma fintech social, abordando questões de governança, gerenciamento de plataformas, os aspectos tecnológicos utilizados e as estratégias de negócio.

Na buscas pelos termos “*digital banking*” e “*fintech*” o artigo de Carbellido (2018) apareceu repetidamente. Dos 4 artigos selecionados, dois são da África do Sul e estão em inglês, os demais estão em espanhol e são de países latino americanos (México e Equador). Apesar das distâncias geográficas, culturais e econômicas, se percebe pontos de convergência nas discussões a respeito do uso remoto dos serviços bancários e a digitalização das finanças.

O trabalho de Mujinga et. all (2018) buscou estudar a escala da usabilidade dos serviços bancários via internet na África do Sul. O foco foi entender quais fatores contribuem na avaliação dos serviços pela população. A digitalização dos serviços bancários diminui os custos de operação destes serviços, mas é

² Com o acesso da CAFé (Comunidade Acadêmica Federada) que concede acesso a artigos pagos de forma gratuita.

necessário que as plataformas disponíveis tenham fácil uso pelos clientes e ofereçam segurança. Nos resultados do estudo foi constatado que gênero pouco influencia na forma em que os clientes avaliaram os serviços bancários, sendo a idade dos usuários um fator mais relevante. Usuários mais jovens tendiam a avaliar pior que usuários mais velhos.

Os trabalhos de Coetzee et. all (2018) e Carbellido (2018), embora analisem cenários de países distintos, África do Sul e México respectivamente, trabalham com temas centrais próximos e trazem apontamentos parecidos. Ambos os trabalhos apontam o aparecimento de fintechs, a partir do desenvolvimento tecnológico, oferecendo serviços financeiros em seus países. Coetzee et. all (2018) aponta que desde a crise econômica de 2008 os bancos tradicionais tiveram seu mercado ameaçado a partir do aparecimento desses atores no cenário de disruptão tecnológica. Ambos artigos trazem perspectivas históricas da informatização no setor bancário a partir da década de 1970, primeiramente em operações de retaguarda administrativa, ao poucos se desenvolvendo oferecendo serviços mais tecnológicos ao público. Carbellido (2018) aponta que as fintechs estão aproveitando as oportunidades oferecidas pela tecnologia que os bancos tradicionais não souberam aproveitar. O autor também aponta sobre a possibilidade de desaparição dos limites geográficos e conceituais do setor bancário.

A questão da inovação, também é tratada de forma direta em Carbellido (2018), Coetzee et. all (2018) e Flores et. all. (2018). Coetzee et. all (2018) aborda que na próxima década os bancos vão se transformar, com agências diminuindo ou desaparecendo. Ele traz o exemplo de ressignificações de agências já estarem ocorrendo nos EUA, onde por exemplo o Umpqua Bank oferece encontros sociais para clientes nas agências. Além disso ele aborda que avanços tecnológicos, inteligência artificial e biometria tendem a se desenvolver mais para o setor, dando mais segurança aos usuários. Flores et. all. (2018) ao apresentar o dinheiro eletrônico, tema central de seu estudo de caso no Equador, aponta que o mesmo se insere num panorama de desmaterialização da economia e estabelecimento de novas relações de comércio.

Por fim a preocupação com regulações jurídicas estatais também é uma tônica constante nos trabalhos de Carbellido (2018), Coetzee (2018) e Flores et. all. (2018). Os dois primeiros falam sobre as leis de seus países precisarem ainda se ajustarem e regularem as operações das fintechs. Já Flores et. all. (2018) aborda o caso do Equador que foi pioneiro em regular uma moeda virtual em 2014, mas acabou terminando com a mesma em 2017 para evitar danos a sua economia dolarizada.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho buscou saber o que se tem discutido sobre esses novos atores dos serviços bancários, os bancos digitais e fintechs. O uso da internet para a utilização de serviços bancários não é novidade, desde meados dos anos 1990 os bancos tradicionais têm oferecido opção de transações online para seus clientes (DIAS e LENZI, 2009). O que muda agora é o surgimento de bancos que se caracterizam pela ausência daquilo que Santos (2006) chama de fixos geográficos.

Os trabalhos selecionados com os termos *digital banking* e *fintechs* abordaram muitos assuntos em comum. O primeiro a ser destacado é a questão da inovação presente no setor, levando a transformações na forma que a população utiliza serviços bancários. A questão de bancos tradicionais não terem

sabido como utilizar os avanços tecnológicos é apontado em mais de um artigo como responsável pelo surgimentos desses novos atores, *fintechs* e bancos digitais.

Outra contribuição relevante da pesquisa em qual o trabalho se insere é aprofundar as discussões da Geografia Econômica no estudo dos novos serviços que surgem na nova economia. A Geografia ao analisar a questão da nova economia e das inovações, ainda está presa a questão de onde os atores se localizam (VALE, 2009), não entrando ainda na discussão da possível construção espacial a partir da nova economia. Embora mesmo com essa flexibilização espacial, empresas que oferecem seus serviços pela internet, se concentram nas cidades como, apontou Oliveira (2014). O “ciberespaço” (LÉVY, 1999) pode ser um conceito a ganhar relevância para a análise desse novo mundo, que apresenta um possível desmaterialização espacial, embora ainda pouco utilizado nas análises geográficas, com exceção de trabalhos como o de Nunes (2019), preocupado com outras inflexões que não a economia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASCHER, F. **Os Novos Princípios do Urbanismo**. São Paulo: Editora Romano Guerra, 2010.
- CARBELLIDO, O. A. *Los retos de la banca digital en México*. In: **IUS - Revista del Instituto de Ciencias Jurídicas de Puebla**. Puebla (México) v. 12, n. 41. 2018.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**: volume 1. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.
- COETZEE, J. *Strategic implications of Fintech on South African retail banks*. In: **South African Journal of Economic and Management Sciences**. v. 21, n.1, 2018.
- DIAS, L. C; LENZI, M. H. Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: processos adaptativos e inovadores. **Caderno CRH**, Salvador, v. 22, n. 55, p. 97- 117, jan/abr 2009.
- FLORES, O. G. M.; ARGADOÑA, L. C. B.; BAILÓN, F. M. C. *El dinero electrónico y las transacciones virtuales. Caso de estudio: Ecuador*. In: **Universidad y Sociedad**. v.10, n.4, 2018.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MUJINGA, M.; ELOFF, M. M.; KROEZE J.H. *System usability scale evaluation of online banking service: A South African study*. In: **South African Journal of Science**. 2018;114(3/4),
- NUNES, D. M. **A produção das masculinidades e socioespacialidades de homens que buscam parceiros do mesmo sexo no aplicativo Tinder em Rio Grande - RS**. 2019. 185 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto das Ciências Humanas e da Informação, FURG - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019.
- OLIVEIRA, G. M. O Uso do Território para a Inovação. In: **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 53-60, mai./ago. 2014.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- VALE, M. Conhecimento, Inovação e Território. In: **Finisterra**, XLIV, 88, 2009.